

# PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA MORTALIDADE POR CÂNCER DE COLO DE ÚTERO NO BRASIL AO LONGO DE 10 ANOS

XV Congresso Sergipano de Ginecologia e Obstetrícia, 1ª edição, de 12/09/2024 a 14/09/2024  
ISBN dos Anais: 978-65-5465-122-6

ASSIS; Gabriella Lucas de <sup>1</sup>, SOUSA; Ana Clara Lopes de Barros Sousa<sup>2</sup>, ALVES; Anne Caroline Siqueira Alves <sup>3</sup>, COSTA DIAS; Joanne Conceição Martins Aragão<sup>4</sup>

## RESUMO

**Introdução:** O câncer de colo de útero, também conhecido como câncer cervical, se desenvolve pelo crescimento desordenado de células neoplásicas no colo uterino. Esta é uma neoplasia silenciosa, e frequentemente assintomática no seu estágio inicial. Seus sintomas, quando ocorrem, consistem em sangramento uterino anormal (SUA), incluindo sangramento após relação sexual e/ou após a menopausa, além de dispareunia, dor pélvica e secreção vaginal anormal. A infecção pelo Papilomavírus Humano é o principal fator de risco para a doença. Estima-se que os subtipos virais 16 e 18 sejam responsáveis por 70% de todos os casos da neoplasia no mundo. Por ser um vírus que pode demorar a promover manifestações sintomáticas, muitas mulheres são vítimas desse câncer por não detectarem o patógeno de forma precoce. Nesse contexto, a neoplasia do colo uterino é a principal causa de morte entre mulheres na América Latina e Caribe, com 35,7 mil óbitos a cada ano. No mundo, a enfermidade é responsável pela morte de 300.000 mulheres anualmente. Já no Brasil, as taxas de mortalidade ainda são elevadas, com a doença persistindo como um problema de Saúde Pública. No país, é a quarta principal causa de óbito em mulheres por câncer. Assim, faz-se importante determinar o perfil epidemiológico dos óbitos pela doença, o que auxiliará no direcionamento de possíveis políticas públicas no futuro.

**Objetivo:** Traçar o perfil epidemiológico dos casos de morte por câncer de colo de útero no Brasil ao longo de 10 anos.

**Metodologia:** A presente pesquisa é um estudo ecológico de série temporal com dados obtidos do Sistema de Informações de Saúde (DataSUS), uma plataforma do Ministério da Saúde do Brasil que disponibiliza um vasto conjunto de informações sobre saúde pública. O período de estudo abrangeu os anos de 2012 a 2022, intervalo temporal escolhido para a investigação do perfil das mulheres vítimas da neoplasia maligna do câncer de colo de útero no Brasil. As variáveis coletadas incluíram os óbitos por residência por região brasileira segundo faixa etária, conforme escolaridade, cor e raça, e estado civil. Dada a natureza observacional do estudo, que utilizou informações de acesso público, não foi necessário submetê-lo à aprovação de um comitê de ética. No entanto, todas as normas éticas foram respeitadas para assegurar a privacidade e a confidencialidade dos dados, em conformidade com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde.

**Resultados/discussão:** No período compreendido entre janeiro de 2012 e dezembro de 2022 foi registrado um total de 67.439 óbitos por câncer de colo de útero no Brasil. A região Sudeste liderou o grupo com 22.024 mortes, seguida pela Região Nordeste que contabilizou 21.242 óbitos. A Região Sul ocupou a terceira posição com 9.802 mortes. A Região Norte abrangeu 9.082 óbitos, enquanto a Região Centro-Oeste, com um total de 5.289 mortes pela doença, apresentou menor número. A faixa etária mais acometida englobou os indivíduos entre 50 a 59 anos, com 14.626 óbitos, representando 21,6% da totalidade. Em seguida, a faixa de 40 a 49 anos registrou 13.514 óbitos, equivalentes a 20% do total. A faixa etária de 60 a 69 anos conferiu 12.837 mortes, correspondendo a 19%. Esses três grupos etários compreenderam juntos 60,6% da totalidade de óbitos, o que traduz maior gravidade da doença em mulheres a partir dos 40 anos de idade. No entanto, vale destacar que a faixa etária de 30 a 39 anos, que incluiu 8.784 mortes, abrangeu maior resultado em relação à faixa de 80 anos.

<sup>1</sup> Universidade Tiradentes , gabriella.lucas@souunit.com.br

<sup>2</sup> Vitta Centro de Oncologia, clarasousa92@hotmail.com

<sup>3</sup> Universidade Tiradentes , Anne.siqueira@souunit.com.br

<sup>4</sup> Universidade Tiradentes , joannedias4@gmail.com

ou mais, com 6.263 óbitos. O motivo para tal resultado não é claro, mas provavelmente se deve à menor quantidade absoluta de mulheres neste último grupo em relação à faixa etária jovem indicada. As demais idades contabilizaram menos de 2,8% do total de óbitos pela doença. A escolaridade também foi um dos critérios avaliados na pesquisa. O grupo composto por mulheres com 4 a 7 anos de estudo liderou a variável, compreendendo 15.066 óbitos. Logo depois, o grupo com 1 a 3 anos de estudo abrangeu 14.881 mortes, diferença mínima em relação ao primeiro. A faixa com 8 a 11 anos obteve 13.093 óbitos, o grupo com nenhum ano de estudo englobou 10.361 mortes e, em menor quantidade, o grupo com 12 anos ou mais de estudo conteve 3.475 óbitos. Além disso, 10.563 mortes foram computadas sem o registro da escolaridade das mulheres. Dessa forma, ao somar os resultados, as mulheres que não completaram o ensino fundamental corresponderam a 59,7% do total de óbitos por câncer de colo de útero. Outro ponto que deve ser ressaltado é o fato de que apenas a Região Norte apresentou maior número de mortes alocado na faixa de 8 a 11 anos de estudo, com 2.099 óbitos. As demais regiões registraram maior quantidade de óbitos entre os grupos de nenhuma escolaridade, 1 a 3 anos de estudo e 4 a 7 anos de estudo, reafirmando o impacto da insuficiência educacional sobre a desenvoltura da doença. A raça foi avaliada em seus parâmetros. Liderando o grupo, a raça parda apresentou 31.670 óbitos, seguida pela raça branca, com 27.603 mortes. A raça preta abrangeu 5.421 óbitos, enquanto a indígena registrou 380. Em menor número, a raça amarela contabilizou 288 mortes. Por fim, 2.077 óbitos foram notificados sem menção à raça das mulheres. A razão para a distribuição observada possivelmente se dá por conta da própria distribuição racial brasileira, notoriamente marcada pela prevalência da miscigenação e da cor branca. O estado civil foi a última variável estudada pela pesquisa. Os resultados demonstraram que 23.724 óbitos ocorreram em mulheres solteiras, ocupando a primeira posição do grupo. Em seguida, 18.413 mortes abrangeram indivíduos casados e, posteriormente, 12.302 acometeram mulheres viúvas. Foram registrados também 4.731 óbitos na categoria das mulheres separadas judicialmente, 3.859 mortes na categoria “outro” e 4.410 sem a identificação do estado civil das vítimas. Conclusão: Em síntese, o grupo feminino mais afetado em casos de óbito pelo câncer de colo de útero abrangeu mulheres na faixa etária dos 50 a 59 anos, pardas, solteiras e com baixa escolaridade. Portanto, alguns pontos merecem ser destacados. A reduzida escolaridade demonstrou-se ser um fator preponderante em relação à gravidade da doença. Isso é um indicativo de que a educação é uma ferramenta importante no processo de esclarecimento sobre a enfermidade e seu manejo de prevenção. Ademais, a constatação de que as mulheres solteiras são a camada feminina mais afetada ilustra a importância do direcionamento de medidas de conscientização referentes aos cuidados de precaução contra a infecção por HPV. Logo, os dados destacaram a influência da educação sobre a gravidade da neoplasia do colo uterino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Epidemiologia; Mortalidade; Neoplasias do Colo de Útero

<sup>1</sup> Universidade Tiradentes , gabriella.lucas@souunit.com.br  
<sup>2</sup> Vitta Centro de Oncologia, clarasousa92@hotmail.com  
<sup>3</sup> Universidade Tiradentes , Anne.siqueira@souunit.com.br  
<sup>4</sup> Universidade Tiradentes , joannedias4@gmail.com